

Este relato trata das experiências de estudantes de psicologia do PET-Saúde da Família em serviços públicos de saúde mental de Porto Alegre, na práxis do Acompanhamento Terapêutico (AT). Acompanhar de forma terapêutica constitui-se em uma ação catalizadora das interfaces entre o sujeito e seu entorno. Destacamos que a prática do AT tem sido vista positivamente e que já faz parte da agenda da equipe e que possibilita-nos outros olhares sobre a significação das práticas em saúde na graduação em psicologia, além de uma abertura para a atuação psicológica diretamente nas Equipes de saúde da Família (ESF). Na interface entre a prática e a pesquisa, o olhar etnográfico, instrumentalizado pelo uso de diário de campo, propicia a transposição do que ocorre no cotidiano com o paciente para o ambiente teórico. Tal metodologia é útil tanto para prática como pesquisa, já que através da formulação de hipóteses e múltiplas análises acerca dessas, nasce um conhecimento singular, estruturado pela constante observação e interpretação do que se revela no cotidiano

Ainda foi possível pensar como o AT na atenção básica parece ser um horizonte promissor para a operacionalização da Reforma Psiquiátrica já que essa “rua” constituinte do AT tem um potencial de subjetivação tão importante quanto uma psicoterapia tradicional Sair com o “louco”, tal como propõe tem sido uma oportunidade de destruímos com o *social manicomizante*.